

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Rafael Augusto de Paula

**CRISE NA DEMOCRACIA, O PAPEL DO JOVEM DE DIREITA NA BANALIZAÇÃO DA POLÍTICA
BRASILEIRA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientadora: Cláudia Maria Ribeiro Viscardi.

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **RAFAEL AUGUSTO DE PAULA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202273006A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CRISE NA DEMOCRACIA, O PAPEL DO JOVEM DE DIREITA NA BANALIZAÇÃO DA POLÍTICA BRASILEIRA**, desenvolvido durante o período de 01/01/2025 a 10/03/2025 sob a orientação de CLÁUDIA MARIA RIBEIRO VISCARDI, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

RAFAEL AUGUSTO DE PAULA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

CRISE NA DEMOCRACIA, O PAPEL DO JOVEM DE DIREITA NA BANALIZAÇÃO DA POLÍTICA BRASILEIRA

Rafael Augusto de Paula ¹

RESUMO

A democracia no Brasil enfrenta desafios importantes, como a polarização política, a desconfiança nas instituições e o crescimento de discursos extremistas. Um dos pontos que chama atenção é o papel dos jovens de direita, especialmente através de movimentos como o Movimento Brasil Livre (MBL). Este trabalho busca entender como a atuação desses grupos influencia o debate público e contribui para a banalização da política no país. A pesquisa é qualitativa, baseada em análise bibliográfica e documental, como os estudos Rocha (2019) e o livro “Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje” (2018). O estudo examina o contexto da crise democrática, as estratégias de comunicação do MBL, o impacto das redes sociais na formação de bolhas ideológicas e a disseminação da desinformação. Além disso, discute possíveis soluções, como a promoção da educação política, a regulação das plataformas digitais e a criação de espaços de debate mais qualificados. Os resultados mostram que, apesar de sua capacidade de mobilização juvenil, o MBL frequentemente prioriza o impacto midiático e emocional em vez de promover reflexões críticas. Isso reforça a polarização e enfraquece o diálogo democrático. Conclui-se que é fundamental fortalecer práticas políticas baseadas em argumentação e respeito às diferenças, para evitar a degradação do espaço público e promover uma participação cidadã mais construtiva.

PALAVRAS-CHAVE: Democracia. Polarização. Juventude. Movimento Brasil Livre. Desinformação.

1. APRESENTAÇÃO

A democracia brasileira, consolidada após o período de redemocratização em 1985, tem enfrentado desafios que colocam em xeque sua legitimidade e eficácia. O processo democrático, idealmente fundamentado no diálogo, pluralidade e representatividade, sofre com a intensificação da polarização política, da desconfiança nas instituições e da ascensão de discursos extremistas. Esses elementos contribuem para uma crise que não apenas afeta o funcionamento institucional, mas também compromete a percepção da sociedade sobre o sistema democrático. Diante desse cenário, torna-se essencial entender o papel da juventude nesse processo, principalmente no que diz respeito à ascensão de movimentos de direita e suas consequências para o debate público. Os protestos de junho de 2013, inicialmente focados em reivindicações sociais, como a luta por transporte público de qualidade, melhorias no investimento da educação, juntamente com o direito à liberdade de se expressar, representaram um marco na mudança do comportamento político no Brasil. A partir desse momento, emergiu uma nova configuração na dinâmica de poder, na qual movimentos organizados, especialmente os ligados à juventude, assumiram protagonismo no cenário político. No entanto, esses movimentos, frequentemente articulados por meio de redes sociais, contribuíram para o aumento da polarização ao reforçarem discursos antagônicos e simplificarem o debate público. A intensificação dessa crise democrática no Brasil está diretamente conectada a tendências globais.

(...) A polarização na sociedade brasileira adquiriu os mesmos contornos que se tem observado nos Estados Unidos e na Europa, à qual sociólogos e psicólogos políticos têm chamado de polarização afetiva. Os rótulos políticos usados são vazios de conteúdo programático, despolitizados e cheios de conteúdo emocional, tipo ‘amo a nós, logo odeio a eles’ (ABRANCHES, 2019, p. 19-20).

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Cláudia Maria Ribeiro Viscardi

Isso demonstra que essa polarização não é um fenômeno isolado do Brasil, mas sim parte de uma tendência global que, aqui, assume características próprias, influenciadas pelo contexto histórico e institucional do país. Segundo a coletânea *Democracia em risco: 22 Ensaio sobre o Brasil Hoje*, coletânea da Companhia das Letras, fenômenos como a disseminação de desinformação, o fortalecimento de lideranças populistas e a fragmentação do espaço público não são exclusivos do Brasil, mas assumem características particulares em contextos nos quais a confiança nas instituições já era fragilizada. Essa fragilidade se reflete na percepção negativa da população em relação a partidos políticos, Congresso Nacional e ao sistema judicial. Compreender a influência da juventude de direita, a qual é formada por jovens que se identificam com ideologias mais conservadoras e liberais, defendendo valores tradicionais como a família, a ordem e a liberdade econômica. Em geral, essa geração tem uma visão crítica sobre o progressismo, o socialismo e a atuação do Estado na economia. Eles costumam apoiar políticas de segurança mais rígidas, privatizações e redução de impostos, buscando um governo com menos intervenção e mais liberdade individual. Além disso, se engajam em debates e movimentos que defendem a preservação da cultura e da identidade nacional, dito isso, essa juventude no cenário político brasileiro é essencial para desvendar os processos que levam à banalização do debate público e ao enfraquecimento da democracia. Movimentos como o MBL (Movimento Brasil Livre) tornaram-se atores centrais nesse processo, utilizando ferramentas digitais para engajar jovens, mas enfrentando críticas por promoverem e usarem uma política de polarização e superficialidade em seus discursos recorrentes. O MBL, em particular, ilustra como grupos juvenis de direita têm moldado a política brasileira desde sua criação em 2014. Por meio de uma comunicação eficiente e um discurso direcionado, o movimento ganhou espaço e mobilizou um grande número de jovens, mas sua atuação também levanta questionamentos sobre o aprofundamento da polarização e a qualidade do debate político. Com uma linguagem direta e estratégias inovadoras de comunicação como organização de grupos nas redes sociais nos quais planejavam os movimentos, o MBL atraiu milhões de jovens para suas causas, contribuindo para a consolidação de pautas liberais no debate político nacional. Contudo, a abordagem adotada frequentemente prioriza o impacto midiático e emocional, em detrimento de análises aprofundadas e debates construtivos. A relevância deste estudo reside na necessidade de identificar como esses movimentos afetam a qualidade do debate público e a saúde da democracia brasileira. Analisar o papel desses atores é fundamental para compreender não apenas os problemas associados à polarização, mas também as oportunidades de revitalização democrática que podem surgir da mobilização juvenil. A pesquisa parte da seguinte questão central: “De que maneira os jovens de direita, especialmente por meio de movimentos como o MBL, impactam a qualidade do debate público e a percepção democrática no Brasil?” Essa questão norteia o trabalho, buscando compreender os impactos da atuação desses movimentos no contexto democrático. Mais do que analisar suas estratégias, o objetivo é revelar como esse método de fazer política influencia a percepção da sociedade sobre as instituições democráticas e o próprio conceito de democracia.

Este trabalho utiliza uma abordagem qualitativa, com base em análise bibliográfica e documental. As principais fontes incluem livros, artigos acadêmicos, relatórios institucionais e reportagens que discutem o papel dos jovens de direita na política brasileira, com ênfase no MBL. Obra a exemplo de “Menos Marx, Mais Mises” (ROCHA, 2019) servirá como base teórica para compreender a ascensão da nova direita e sua relação com a crise democrática. Além disso, estudos de caso sobre o MBL, como “As Novas Formas de Organização E Articulação Das Classes Dominantes: o MBL em questão” de Guimarães (2018), serão utilizados para aprofundar a análise das estratégias do movimento. Pesquisas quantitativas, como os relatórios do Observatório da Juventude, serão incorporadas para fundamentar os dados estatísticos sobre a participação dos jovens na política e suas preferências ideológicas.

2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento deste trabalho está dividido em cinco subitens que analisam, de forma interligada, os elementos centrais da crise democrática, o papel dos jovens de direita, o impacto das redes sociais e da tecnologia, além de propor soluções para a construção de um debate político mais saudável. A crise democrática no Brasil pode ser entendida como uma manifestação de problemas estruturais que se agravaram nas últimas décadas. Após a redemocratização em 1985, a Constituição de 1988 foi estabelecida

como um marco institucional que garantia direitos fundamentais e um sistema de pesos e contrapesos entre os poderes. Contudo, o sistema político brasileiro não conseguiu acompanhar as demandas de uma sociedade cada vez mais plural e complexa, gerando um distanciamento entre os representantes e a população. A obra “Democracia em Risco: 22 Ensaios sobre o Brasil Hoje” (2018), da coletânea Companhia das Letras, evidencia que o período entre 2013 e 2016 foi crucial para a intensificação da polarização política no Brasil. A crise de representatividade se agravou com os escândalos de corrupção revelados pela Operação Lava Jato e os conflitos em torno do impeachment de Dilma Rousseff em 2016. Tudo isso aponta como o ambiente digital intensificou a desconfiança em relação às instituições democráticas, facilitando a disseminação de discursos populistas e anti sistêmicos. Essa conjuntura criou um terreno fértil para o surgimento de movimentos jovens, como o MBL, que se posicionaram como alternativas ao sistema político tradicional.

Argumento que a experiência democrática brasileira está sob risco em decorrência de certas transformações específicas pelas quais passamos, notadamente de 2013 a 2018, período no qual emergiram massas digitais com sua nova economia de identificações. Essas massas facultaram um novo tipo de idealização na política, uma nova mítica e um novo tipo de carisma, que permite ao líder político confrontar discursivamente a institucionalidade, no que se convencionou chamar de anti política, representada pelos candidatos antissistema (DUNKER, 2019, p. 118).

As redes sociais desempenharam um papel transformador no debate público brasileiro, especialmente a partir da segunda década do século XXI. Por um lado, essas plataformas democratizaram o acesso à informação; por outro, acabaram impulsionando processos de radicalização e reforçando bolhas ideológicas, tornando o debate cada vez mais fechado e maniqueista, plataformas como Facebook, Twitter e YouTube passaram a ser não apenas canais de comunicação, mas também espaços de mobilização política. A lógica algorítmica dessas plataformas prioriza conteúdos polarizadores e emocionais, uma vez que geram maior engajamento. Essa dinâmica alterou profundamente a forma como os cidadãos consomem e discutem política, criando “bolhas de informação” que reforçam visões de mundo pré-existentes e dificultam o diálogo entre grupos com opiniões divergentes.

Para os membros dos contra-públicos, a internet funcionava como uma espécie de refúgio onde podiam discutir temas e ideias destoantes do que consideravam ser um horizonte cultural esquerdista dominante (ROCHA, 2019, p. 21).

O impacto dessa transformação é evidente no caso do MBL, que utilizou as redes sociais como principal ferramenta para organizar protestos e disseminar suas ideias. Conforme apontado, o MBL explorou de forma eficaz estratégias como o uso de memes, transmissões ao vivo e vídeos curtos, que não apenas capturaram a atenção do público jovem, mas também moldaram a agenda pública em torno de pautas liberais e anti esquerda.

Paralelamente a crise democrática não se manifesta apenas na polarização política, mas também no enfraquecimento das instituições fundamentais para a manutenção do Estado de Direito. A desconfiança nas instituições políticas brasileiras tem sido impulsionada por uma série de fatores, incluindo escândalos de corrupção, judicialização da política e o uso instrumental de investigações para deslegitimar adversários políticos. Um dos aspectos centrais da crise democrática é a crescente percepção de que o sistema político não representa os interesses da população. Isso se agrava quando grupos políticos, como o MBL e outros movimentos de direita, passam a contestar a legitimidade de decisões judiciais ou a questionar a idoneidade de órgãos como o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Congresso Nacional. A banalização das acusações de fraude eleitoral, por exemplo, ilustra como essa desconfiança pode ser explorada para enfraquecer a democracia. Mesmo sem provas concretas, discursos que colocam em dúvida a lisura do sistema eleitoral ganham força nas redes sociais, contribuindo para a descredibilização das instituições e para um clima de instabilidade política.

A radical separação entre ‘nós aqui’ e ‘eles lá’ alimenta uma visão do outro fortemente estereotipada, preconceituosa e belicosa. Um ingrediente tóxico nas relações sociais e políticas que pode levar ao rompimento do diálogo democrático e à legitimação da violência simbólica e física contra adversários políticos (ABRANCHES, 2019, p. 20).

O Movimento Brasil Livre (MBL) foi fundado em 2014 por um grupo de jovens que se autodenominavam defensores do liberalismo econômico e da liberdade individual. Inspirados por movimentos internacionais, como o Tea Party nos Estados Unidos, o MBL buscava se estabelecer como uma voz contrária ao domínio da esquerda na política brasileira. O MBL nasceu em um contexto de insatisfação generalizada com o governo do Partido dos Trabalhadores (PT). Utilizando uma abordagem irreverente e linguagem acessível, o movimento rapidamente ganhou destaque, especialmente durante os protestos pelo impeachment de Dilma Rousseff. Entre 2021 e 2023, o MBL enfrentou desafios internos e externos, incluindo disputas internas por liderança e críticas relacionadas à sua conexão com o empresariado. No entanto, continuou a atrair jovens por meio de um discurso adaptado às novas dinâmicas das redes sociais. Embora tenha surgido como uma alternativa ao discurso da direita tradicional, o MBL estabeleceu ao longo do tempo alianças estratégicas e conflitos com outros grupos conservadores, como o bolsonarismo. Essa dinâmica evidencia disputas internas pelo protagonismo político, ao mesmo tempo que reflete a fragmentação da direita no Brasil.

Pela primeira vez, a direita tem uma candidatura explícita no Brasil e encontra, também de forma inédita desde o fim da Segunda Guerra, movimentos de direita organizados partidariamente por toda a Europa (...). Embora assumindo o papel de candidatos contra a esquerda, nem Jânio Quadros nem Fernando Collor aderiram de forma tão clara e manifesta a um ideário tipicamente de direita como Bolsonaro (ABRANCHES, 2019, p. 17).

O sucesso do MBL está diretamente ligado à sua capacidade de mobilização digital. O movimento utiliza elementos da cultura pop, humor, memes e uma linguagem acessível para dialogar com jovens que, muitas vezes, se sentem distantes da política tradicional. Observa-se que o MBL se destaca pelo uso de estratégias comunicativas baseadas em simplificações de temas complexos, como economia e política, transformando debates em narrativas dicotômicas (bem contra o mal, liberdade contra opressão). Essa abordagem, embora eficaz para atrair seguidores, é criticada por contribuir para a banalização do debate público. Entre os exemplos notáveis de mobilização promovidos pelo MBL, destaca-se a organização das manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff, que consolidaram sua relevância no cenário político. Além disso, campanhas em redes sociais, como as críticas à CPI da Covid, ilustram como o movimento utiliza estratégias de marketing digital para influenciar debates nacionais.

O impacto do MBL no cenário político brasileiro é negável. Movimentos como o impeachment de Dilma Rousseff e a eleição de políticos alinhados ao liberalismo econômico (como por exemplo Bolsonaro nas eleições de 2018) foram impulsionados pela ação do grupo. No entanto, essa influência também trouxe críticas severas. O MBL foi acusado de priorizar o espetáculo midiático em detrimento de debates substanciais. Além disso, a associação do movimento com desinformação e discursos polarizadores contribuiu para o enfraquecimento do diálogo democrático. Além disso, a atuação do MBL e outros movimentos jovens de direita suscita debates sobre a invisibilização de pautas de gênero e identidade. Embora temas como a liberdade econômica sejam amplamente destacados, questões relacionadas à igualdade de gênero frequentemente são negligenciadas ou tratadas de forma superficial, refletindo um viés excludente nas suas narrativas.

O MBL e outros grupos de jovens de direita no Brasil não surgiram isoladamente, mas sim dentro de um contexto global de ascensão da nova direita. Movimentos semelhantes surgiram em diversos países, com destaque para o Tea Party nos Estados Unidos e os partidos populistas na Europa. Segundo ROCHA (2021), o MBL se inspirou diretamente em estratégias utilizadas pelo Tea Party, incluindo a adoção de uma retórica

fortemente anti-estatal, o uso intensivo de redes sociais para mobilização e o foco na simplificação do discurso político. Essa influência internacional também se reflete na conexão do MBL com think tanks liberais e conservadores, como o Instituto Mises Brasil e a Atlas Network, que fornecem apoio intelectual e, em alguns casos, financiamento para atividades políticas. A importação desses modelos contribuiu para a radicalização do discurso político no Brasil, pois permitiu que o MBL incorporasse narrativas já testadas em outros contextos e as adaptasse à realidade brasileira. Essa conexão global fortaleceu o movimento, mas também trouxe críticas sobre sua independência e autenticidade, já que muitas de suas pautas parecem replicar estratégias desenvolvidas em outros países sem considerar as especificidades do Brasil.

A nova direita é um movimento muito mais amplo que continua a se difundir e a se consolidar em públicos dominantes dentro e fora da internet. Além de contar com novos atores que atuam em rede, o que permite a rápida difusão de suas ideias de forma mais descentralizada e capilarizada em comparação com a atuação das direitas existentes até então, a grande novidade reside no amálgama inédito entre o ultraliberalismo econômico e a defesa de pautas conservadoras no que tange aos direitos humanos e demandas específicas dos movimentos feminista, LGBT, negro, indígena e quilombola (ROCHA, 2019, p. 18).

As redes sociais não apenas ampliaram o alcance de movimentos como o MBL, mas também moldaram a forma como as pessoas interagem com informações políticas. O uso de algoritmos que promovem conteúdos de alta interação (geralmente polarizadores) cria bolhas ideológicas, onde indivíduos são expostos apenas a informações que reforçam suas crenças prévias. Estudos recentes apontam que esses algoritmos são especialmente prejudiciais para jovens, que têm menos experiência em discernir informações verídicas de desinformação. Essa dinâmica alimenta radicalizações e torna o debate político mais fragmentado e superficial.

Da mesma forma, estamos no momento em que há demanda para a criação de produtos não inflamatórios. O usuário de mídias sociais quer ter mais segurança de que o conteúdo servido a ele não é parte de campanhas de manipulação. Para isso, há várias possibilidades. Uma delas é lidar com as distorções geradas pelos algoritmos que selecionam conteúdos. Mídias sociais são em geral calibradas para gerar cliques, independentemente do que vai ser clicado. Para isso, os algoritmos testam o tempo todo as preferências dos usuários. No entanto, como conteúdos radicais acabam atraindo mais atenção, há um viés dos próprios algoritmos em indicá-los. Por exemplo, alguém que busca por um vídeo sobre um tema simples muitas vezes acaba sendo direcionado para um amplo cardápio de vídeos com teorias da conspiração (LEMOS, 2019, p. 201).

A influência das redes sociais na formação política de jovens é evidente. Segundo dados, cerca de 70% dos jovens entre 16 e 24 anos utilizam as redes como principal fonte de informação política. Esse dado reforça a necessidade de compreender como os movimentos digitais moldam as percepções democráticas e as práticas de cidadania. O Movimento Brasil Livre (MBL) destaca-se por sua atuação estratégica nas redes sociais, especialmente no Instagram, onde utiliza uma combinação de conteúdo político, humor e mobilização para engajar seu público. Suas postagens frequentemente abordam críticas ao governo, escândalos políticos e medidas governamentais, com um tom marcadamente confrontativo e polarizado. A linguagem informal e o uso de memes são recursos recorrentes, tornando o conteúdo acessível e atraente, principalmente para um público mais jovem e da classe média. Além disso, o MBL emprega vídeos explicativos e entrevistas para aprofundar debates e justificar suas posições, enquanto promove campanhas e mobilizações que incentivam a participação ativa dos seguidores. Essa abordagem gera alto engajamento, com interações significativas nos comentários e respostas diretas da equipe do movimento. No entanto, a comunicação do MBL também é alvo de críticas, especialmente por sua tendência à polarização e à simplificação de questões complexas, o

que reflete a divisão política no Brasil. Apesar das controvérsias, o movimento demonstra eficácia em influenciar o debate público e mobilizar seus apoiadores para ações concretas, consolidando-se como um ator relevante no cenário político digital

Nos últimos anos, o uso de inteligência artificial (IA) e bots tem se tornado uma ferramenta poderosa para a mobilização política, amplificando discursos e influenciando o debate público. No contexto do MBL e de outros movimentos juvenis de direita, essas tecnologias são frequentemente utilizadas para potencializar o alcance de mensagens, gerar engajamento artificial e reforçar determinadas narrativas. Segundo estudos do Observatório de Mídias Digitais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), durante momentos-chave da política brasileira, como as eleições presidenciais, há um aumento significativo na atividade de perfis automatizados (bots) promovendo pautas associadas a determinados grupos políticos. Esses bots operam de diversas formas, como o compartilhamento massivo de conteúdos, o ataque a opositores e a criação de hashtags que impulsionam determinadas agendas além das fake news. Embora os algoritmos de redes sociais tenham implementado medidas para identificar e remover bots, a sofisticação dessas ferramentas torna cada vez mais difícil distinguir interações autênticas das artificiais. Isso gera um ambiente de manipulação da opinião pública, onde debates genuínos são substituídos por narrativas fabricadas e coordenadas digitalmente.

Outro fator crucial no impacto dos movimentos de direita no Brasil é o uso estratégico de big data para segmentação de eleitores. Ferramentas de análise de dados permitem identificar padrões de comportamento digital, preferências políticas e questões sensíveis para diferentes grupos sociais. Essa segmentação possibilita campanhas altamente personalizadas, em que mensagens específicas são direcionadas a públicos-alvo com base em suas interações nas redes sociais. O MBL, por exemplo, utiliza dados de engajamento para adaptar seu discurso e ampliar seu alcance. Durante a campanha eleitoral de 2018, o movimento utilizou essas ferramentas para fortalecer sua narrativa contra a esquerda e em favor de pautas liberais. Essa prática, embora legítima dentro do contexto das campanhas digitais, levanta preocupações sobre privacidade e manipulação da opinião pública. Além disso, estudos demonstram que a segmentação de eleitores pode intensificar a polarização ao expor diferentes grupos a conteúdos distintos, reforçando visões de mundo pré-existentes e dificultando o diálogo entre posições divergentes. Dessa forma, a tecnologia, em vez de servir como um meio para ampliar o debate democrático, acaba sendo utilizada para aprofundar divisões políticas e fortalecer bolhas ideológicas.

As macro-ideologias não se reduzem a movimentos políticos ou partidos, mas extravasam qualquer limite institucional, inclusive sua própria classificação em um contínuo de esquerda e direita possui certa arbitrariedade. Afinal, os deslocamentos e composições entre diferentes macro-ideologias não partem de um princípio de que estas estejam necessariamente ordenadas de forma gradual em uma escala, ou que sejam mutuamente excludentes. Contudo, as macro-ideologias, a despeito de sua importância, também disputam espaço com outras ideologias políticas caracterizadas por Freedman como ideologias-modulares ou segmentares, isto é, ideologias políticas menos desenvolvidas em relação às macro-ideologias (ROCHA, 2019, p. 45).

A desinformação tornou-se um dos principais desafios para a democracia contemporânea. Movimentos como o MBL têm sido frequentemente associados ao uso de conteúdos descontextualizados e informações falsas para mobilizar apoio e desacreditar adversários. A era digital ampliou a capacidade de disseminar desinformação, pois as redes sociais oferecem um ambiente onde as barreiras editoriais tradicionais são inexistentes. Nesse contexto, discursos polarizadores e narrativas simplificadas ganham espaço, pois geram maior engajamento emocional. O MBL utilizou estratégias digitais para moldar percepções, especialmente entre jovens. A desinformação não apenas desvia o debate político para pautas artificiais, mas também enfraquece a confiança nas instituições democráticas. Entre 2021 e 2023, houve episódios significativos em que o MBL foi acusado de espalhar informações falsas, muitas vezes vinculadas a campanhas de ataques contra figuras públicas e iniciativas legislativas. Essa prática gerou críticas de que o movimento estaria contribuindo para a banalização da política ao priorizar a manipulação emocional em vez do debate racional. Um ponto relevante é o uso estratégico de fake news por grupos como o MBL para

polarizar debates políticos. Esse tipo de desinformação, especialmente em períodos eleitorais, não apenas distorce a percepção pública sobre partidos e lideranças, mas também reforça discursos de intolerância, enfraquecendo a confiança na democracia. Esse fenômeno tem consequências graves, pois não apenas desvia o foco do debate público para pautas distorcidas, como também mina a confiança da sociedade nas instituições democráticas

A juventude é especialmente vulnerável à desinformação, pois está imersa no ambiente digital desde cedo. Segundo dados do Observatório da Juventude (UFMG), jovens entre 16 e 24 anos têm maior probabilidade de consumir notícias exclusivamente por redes sociais, o que limita a diversidade de fontes e favorece a exposição a bolhas informativas. Para os jovens que se identificam com a direita, o discurso simplificado e emocional do MBL se torna atraente, mas também os torna suscetíveis a visões de mundo enviesadas. Como consequência, essa abordagem reforça uma visão reducionista da política, onde adversários são tratados como inimigos e temas complexos são reduzidos a slogans. Além disso, o consumo de desinformação pode criar desinteresse político a longo prazo, pois os jovens acabam frustrados com o cenário polarizado e a falta de soluções concretas.

Junto à desaprovação da política e dos políticos tradicionais surge muito marcadamente nas entrevistas a narrativa da meritocracia e do hiperindividualismo: a política é desprezível, o caminho é o esforço pessoal. É a lógica da negação do coletivismo em prol do esforço individual (SOLANO, 2019, p. 317).

Outro fenômeno que se conecta diretamente à desinformação e à banalização da política é a cultura do cancelamento. Esse conceito refere-se à prática de boicotar figuras públicas, políticos e movimentos devido a declarações ou posturas controversas. Embora a cultura do cancelamento possa ser vista como um mecanismo de responsabilização social, ela também é frequentemente usada como arma política para descredibilizar adversários e silenciar opiniões divergentes. No contexto da nova direita e do MBL, a cultura do cancelamento tem sido utilizada tanto como estratégia de ataque quanto como narrativa de vitimização. Por um lado, o movimento emprega campanhas organizadas para deslegitimar opositores, muitas vezes baseando-se em informações distorcidas ou retiradas de contexto. Por outro, quando seus próprios membros são alvo de críticas, há uma reação acusando a esquerda e os “progressistas” de intolerância e censura, reforçando a retórica de perseguição. Isso cria um ambiente de hostilidade, onde a polarização se intensifica e o espaço para um debate racional e construtivo é reduzido. Em vez de discussões baseadas em evidências, as interações políticas tornam-se batalhas de ataques pessoais, memes e desinformação. Como resultado, há um afastamento do cidadão médio da política, que passa a enxergá-la como um espetáculo de conflitos vazios, reforçando a alienação e a apatia política.

A banalização da política não se dá apenas pela superficialidade dos debates, mas também pela crescente normalização do discurso de ódio. Grupos políticos, incluindo os jovens da nova direita, frequentemente utilizam retórica agressiva e ataques pessoais como estratégia de mobilização, contribuindo para um ambiente de intolerância política. Pesquisas indicam que a violência simbólica nas redes sociais tem efeitos concretos no ambiente político e social. Comentários depreciativos contra opositores, ataques a figuras públicas e até ameaças de violência física tornaram-se parte do cenário político brasileiro. Esse fenômeno não é exclusivo da direita, mas tem sido amplamente explorado por grupos como o MBL para deslegitimar adversários e consolidar seu discurso. Essa hostilidade política reforça a percepção de que a política é um campo de guerra, afastando setores moderados da sociedade e dificultando a construção de consensos. Além disso, esse tipo de retórica tende a se traduzir em ações concretas, como ameaças a jornalistas, acadêmicos e ativistas, criando um ambiente de medo e repressão ao pensamento crítico.

Os seguidores de Bolsonaro negam que ele incite a violência ou a intolerância. O errado é o outro, esta é a regra da política que não se faz pela razão e pela competição de ideias, mas pela lógica da afeição/desafeição. É esse sentimento que faz a direita crescer e a esquerda estiolar (ABRANCHES, 2019, p. 28).

Diante desse quadro, torna-se indispensável pensar em estratégias que possam reduzir os efeitos da polarização e fortalecer o debate democrático. Uma das principais soluções para enfrentar a desinformação e a banalização da política é a implementação de programas de educação política nas escolas. O objetivo é capacitar jovens a analisar criticamente informações e participar do debate público de maneira construtiva. A educação política pode incluir conteúdos sobre democracia, direitos civis, o funcionamento das instituições e o papel da mídia na sociedade. Segundo dados, iniciativas desse tipo não apenas aumentam o engajamento político, mas também reduzem a vulnerabilidade a discursos polarizadores e desinformação. Além disso, a formação cidadã nas escolas ajuda a desconstruir a visão simplista promovida por movimentos como o MBL, estimulando os jovens a considerar perspectivas diversas e a valorizar o diálogo.

Outra medida necessária é a regulação das redes sociais para mitigar os efeitos dos algoritmos na polarização. Isso inclui obrigar plataformas como Facebook, Instagram e YouTube a oferecer maior transparência sobre como os conteúdos são promovidos e a criar ferramentas para identificar desinformação. A experiência de outros países, como Alemanha e França, demonstra que as regulamentações podem ser eficazes para responsabilizar empresas de tecnologia e reduzir a disseminação de notícias falsas. Contudo, é importante equilibrar essas políticas com a garantia da liberdade de expressão, evitando censuras arbitrárias.

Além das ações estruturais, é essencial promover iniciativas que incentivem o diálogo entre jovens de diferentes visões políticas. Projetos como debates estudantis, fóruns comunitários e plataformas digitais voltadas para o diálogo podem criar espaços onde ideias sejam discutidas de maneira respeitosa e fundamentada. Tais iniciativas não apenas fortalecem a democracia, mas também ajudam a juventude a compreender que a política é um campo de negociações e compromissos, e não de antagonismos absolutos. O fortalecimento de espaços de convivência democrática pode reduzir a atração por discursos extremistas e ajudar a formar uma geração mais preparada para lidar com os desafios políticos do século XXI.

Uma das estratégias para mitigar os impactos da desinformação e melhorar o debate público é fortalecer o jornalismo independente e os mecanismos de verificação de fatos. Iniciativas como “Aos Fatos” e “Agência Lupa” desempenham um papel crucial na identificação de fake news, mas ainda enfrentam desafios para alcançar um público amplo, especialmente entre os jovens que consomem informações majoritariamente por redes sociais. Governos e instituições educacionais podem criar programas que incentivem a alfabetização midiática, ensinando cidadãos a identificar fontes confiáveis e reconhecer padrões de desinformação. Além disso, plataformas digitais devem ser pressionadas a ampliar o suporte para checagem de fatos, garantindo que notícias falsas sejam sinalizadas de maneira clara e acessível. Outro aspecto relevante é o financiamento do jornalismo independente, que frequentemente opera com recursos limitados. Modelos de financiamento coletivo e parcerias com universidades podem ser explorados para garantir a continuidade e expansão de projetos que buscam promover um debate político qualificado e baseado em evidências.

Diante do cenário de polarização e desinformação, as universidades desempenham um papel fundamental na promoção de um debate político mais qualificado. O ensino superior tem o potencial de atuar como um espaço de formação cidadã, onde os estudantes são incentivados a desenvolver pensamento crítico, a considerar diferentes perspectivas e a debater de maneira respeitosa e fundamentada. No entanto, as universidades brasileiras também se tornaram alvo de ataques, especialmente por parte de movimentos de direita que as acusam de serem dominadas por uma visão política progressista. Essa narrativa, muitas vezes propagada pelo MBL e por outros grupos, busca deslegitimar a produção acadêmica e reduzir o espaço para o pensamento crítico. Para reverter esse quadro, é essencial que as universidades ampliem suas iniciativas de extensão e promovam eventos que incentivem o diálogo entre diferentes correntes ideológicas. Além disso, a inclusão de disciplinas sobre educação política e alfabetização midiática pode contribuir para formar uma geração mais preparada para lidar com os desafios da democracia contemporânea.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho evidencia que a crise democrática brasileira não pode ser compreendida isoladamente, mas sim dentro de um contexto global de transformações políticas e tecnológicas. A partir da discussão apresentada, fica claro que o atual cenário político não é fruto de um

único fator, mas sim de um conjunto de mudanças que envolvem tanto o avanço tecnológico quanto o novo comportamento da juventude em relação à política. A ascensão dos movimentos de direita, representados pelo MBL, demonstra como a juventude tem desempenhado um papel central nesse processo, ao mesmo tempo em que expõe os desafios impostos pela polarização e pela banalização da política. O impacto das redes sociais, a disseminação da desinformação e a adoção de estratégias de mobilização digital são aspectos que reforçam a necessidade de novas abordagens para fortalecer a democracia. O enfrentamento desses desafios exige ações coordenadas entre diferentes setores da sociedade, incluindo instituições educacionais, plataformas digitais e a própria sociedade civil. O futuro da democracia brasileira depende da capacidade de reequilibrar o debate público, garantindo que a participação política não seja reduzida a meros embates ideológicos, mas sim a um espaço de construção coletiva de soluções. Nesse sentido, a juventude tem um papel fundamental a desempenhar, não apenas como protagonista das disputas políticas, mas também como agente transformador capaz de promover um ambiente político mais plural, inclusivo e comprometido com os valores democráticos.

A crise democrática brasileira, intensificada pela polarização política e pela desconfiança nas instituições, é um fenômeno que afeta profundamente o debate público e a forma como os jovens participam da política. No contexto da nova direita, movimentos como o Movimento Brasil Livre (MBL) ganharam destaque ao utilizar ferramentas digitais e estratégias comunicacionais para atrair a juventude. Por meio de uma análise crítica, este trabalho explorou como a ascensão de movimentos jovens de direita tem contribuído para a banalização do debate político no Brasil. A introdução abordou a relevância do tema, contextualizando o impacto da polarização e da desinformação no enfraquecimento da democracia.

O papel da juventude na política é crucial para o futuro das democracias. A nova direita, representada por movimentos como o MBL, trouxe à tona a capacidade de mobilização jovem em um contexto de transformação digital. No entanto, a ênfase em estratégias polarizadoras e no uso de desinformação levanta questões sobre a qualidade do debate público promovido por esses grupos. A banalização da política, marcada pelo uso de memes, ataques pessoais e simplificações excessivas de temas complexos, enfraquece o papel fundamental do diálogo em uma democracia saudável. Isso não apenas compromete a capacidade de encontrar soluções para problemas coletivos, mas também aliena segmentos significativos da sociedade, especialmente aqueles que não se identificam com visões extremistas. Para superar esses desafios, é necessário um esforço conjunto de diversos atores sociais. Por fim, cabe ressaltar que a renovação do debate político depende não apenas de ações estruturais, mas também de uma mudança cultural, onde o diálogo e o respeito às diferenças sejam valorizados. Dessa forma, fortalecer a democracia não significa apenas combater discursos extremistas, mas também criar um ambiente político onde o diálogo e a argumentação tenham mais espaço do que a polarização e o espetáculo midiático. A juventude brasileira, como agente central nesse processo, deve ser encorajada a transcender os discursos polarizadores e a assumir um papel ativo na construção de um futuro político mais equilibrado e democrático.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sérgio. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. *In*: AUTORES, Vários (Ed.). **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Companhia das Letras, p. 11–34, 2019. Disponível em:

<<https://eed.juridicas.unam.mx/sites/default/files/Democracia%20em%20Risco%201a%20prova%20fim%20Teperman%20Cia%20das%20Letras%20%281%29.pdf>>. Acesso em 15 fev. 2025.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático. *In*: ABRANCHES, Sérgio et al. **Democracia em Risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 116-135, 2019. Disponível em:

<<https://eed.juridicas.unam.mx/sites/default/files/Democracia%20em%20Risco%201a%20prova%20fim%20Teperman%20Cia%20das%20Letras%20%281%29.pdf>>. Acesso em 15 fev. 2025.

FILHO, Alberto Rodrigues de Freitas. **A BATALHA POLÍTICO-MIDIÁTICA DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE: mídia, gênero e sexualidade como alvos da desinformação nas redes sociais**. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/24360>>. Acesso em 15 fev. 2025.

GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro. AS NOVAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E ARTICULAÇÃO DAS CLASSES DOMINANTES: o MBL em questão. **Revista de Políticas Públicas**, vol. 22, núm. 2, 2018, Julho-Dezembro, pp. 621-640. Universidade Federal do Maranhão, Brasil. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3211/321158845002/321158845002.pdf>>. Acesso em 15 fev. 2025.

LEMOS, Ronaldo. Diante da realidade, seis ficções epistemológicas. In: ABRANCHES, Sérgio et al. **Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 196-211, 2019. Disponível em: <<https://eed.juridicas.unam.mx/sites/default/files/Democracia%20em%20Risco%201a%20prova%20fim%20Teperman%20Cia%20das%20Letras%20%281%29.pdf>>. Acesso em 15 fev. 2025.

MACHADO, Leandro. **Por que 60% dos eleitores de Bolsonaro são jovens?** BBC Brasil em São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-419367610>>. Acesso em 15 fev. 2025.

MARTINS, Rillary Gomes. **O USO ESTRATÉGICO DA DESINFORMAÇÃO NA ESFERA POLÍTICA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MONITORAMENTO DA PLATAFORMA AOS FATOS**. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/29061/1/RillaryGomesMartins_Dissert.pdf>. Acesso em 15 fev. 2025.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, Mais Mises: Uma nova gênese da nova direita Brasileira (2006 - 2018)**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. (Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019-174426/publico/2018_CamilaRocha_VOrig.pdf>. Acesso em 15 fev. 2025.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. In: Vários Autores (org.) **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 309-323, 2019. Disponível em: <<https://eed.juridicas.unam.mx/sites/default/files/Democracia%20em%20Risco%201a%20prova%20fim%20Teperman%20Cia%20das%20Letras%20%281%29.pdf>>. Acesso em 15 fev. 2025.

SOUZA, Caroline Mazzer de. **Juventude e participação político-social na internet: o caso do Participatório: observatório participativo da juventude**. 2018. 91 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Comunicação Social-Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstreams/092b990c-cd73-4133-84e2-c3a196db5af9/download>>. Acesso em 15 fev. 2025.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji; MOURA, Julia Frank. O Brasil a partir do Movimento Brasil Livre: imagens de uma comunidade imaginada. **Comunicologia-Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, p. 153-169, 2018. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/8325>>. Acesso em 15 fev. 2025.